

Brasília, esperança dourada

PAULO RAMOS DERENGOSKI

Depois da onda moralista que varreu o País, surge uma idéia esta-pafúrdia — e diversionista — para resolver, como num passe de mágica barata, problemas que são de origem estrutural: trata-se da hipótese da transferência da capital de Brasília para o Rio, São Paulo ou alhures...

Ora, convenhamos, as grandes cidades brasileiras estão saturadas, superpovoadas, reduzidas a guetos terceiro-mundistas com seu rosário de fome, miséria, prostituição, roubo, jogatina.

Brasília, esperança dourada dos planaltos, situa-se no promontório das três grandes vertentes brasileiras: a Bacia Amazônica, para o Norte, o grande rio da integração nacional, que é o vale do São Francisco, e a descida para a Bacia do Prata ao Sul. Ela é o epicentro do encontro das águas que banham a pátria: Sem Brasília, talvez perdêsemos a hileia amazônica para cobiça internacional. O vale do São Francisco não seria a região produtiva que é hoje, e o desenvolvimento do centro-oeste, principalmente na área agrícola, não seria o que é: uma das maiores regiões fornecedoras de alimentos do mundo.

O cerrado onde está Brasília tem as cores auriverdes da bandeira que o Brasil beija e balança, estandarte que à luz do sol encerra as promessas divinas da esperança. Quererão também transformar Brasília de um povo em mortalha? Já

não poderão fazê-lo, pois Brasília é patrimônio da humanidade. A história do Ocidente, aliás, será um dia marcada por duas cidades: Roma, cidade aberta, arquetipo de civilizações que se formam, e Brasília, a única cidade do futuro a ser eternizada no inconsciente coletivo.

Os momentos de crise trazem muitas dúvidas aos povos, mas certamente não será a volta a um determinismo geográfico superado que resolverá nossos problemas. Como observou o prof. Cesar Timm, diretor da Codeplan do DF, Brasília não é apenas o Plano Piloto, mas toda uma vasta área urbana e rural, com cidades-satélites e espaços agropecuários.

É óbvio que falta muita coisa para Brasília se transformar no centro geopolítico-econômico do País. Uma delas seria a realização de um grande festival de inverno, numa época em que ocorrem as férias escolares em quase todo o mundo e quando é verão no hemisfério Norte, mas quando o Planalto Central tem dias lindos de sol e céu azul. É um erro querer trazer turistas para o Brasil apenas durante o tórrido — e perigosíssimo — verão carioca. O turismo sindical e cooperativo da social-democracia européia, que freta vôos charters para todo o mundo no meio do ano, poderia trazer milhares de turistas a Brasília, para o maior festival de inverno do mundo. Deixo essa idéia para esta-

distas do porte de mineiros como Itamar Franco, que por certo saberão apreciá-la...

A última prova da incapacidade das grandes cidades em sediarem capitais reside em Tóquio. Com apenas 124 anos como sede administrativa do Japão, beira os 30 milhões de habitantes, e o Ministério da Urbanização acaba de apresentar projeto para sua transferência para o interior.

Seria uma nova Brasília...

As megalópoles estão sobrecarregadas e tais monstros podem chegar ao colapso a qualquer momento. Não é possível uma só cidade sediar tantas indústrias, bancos, universidades, bolsas, transportes etc, sem comprometer a qualidade de vida das pessoas. O centro de grandes cidades como Rio, São Paulo, Tóquio produz diariamente cerca de 20 toneladas de detritos.

Só o porta-aviões Minas Gerais, hoje obsoleto, deve ter custado quase tanto quanto a construção de Brasília. Os males brasileiros não se devem à cidade do futuro. A corrupção existe em São Paulo e no Rio. Os problemas estruturais, a dependência da economia brasileira a oligopólios transnacionais não se devem a Brasília. Antes pelo contrário. Ela é uma das poucas coisas boas que se fez nesse País.

■ Paulo Ramos Derengoski é jornalista e escritor